

- León-Portilla, Miguel. 2000. "Los aztecas. Discusiones sobre un gentilicio". *Estudios de Cultura Nahuatl* 31.275-281.
- Mendoza, Eufemio. 1872. *Apuntes para un catálogo razonado de las palabras mexicanas introducidas en el castellano*. México: Imprenta del Palacio.
- Moreno de los Arcos. 1987. *Los nahuatlismos en el español de México*. México: UNAM.
- Ocampo, Melchor. 1978 [1844]. "Idiotismos hispano-mexicanos o más bien primeros apuntes de un suplemento al diccionario de la academia española, por las palabras que se usan en la república de México como parte del dialecto que en ella se habla". *Obras completas de Melchor Ocampo* vol. III. ed. por Ángel Pola & Aurelio W. Venegas, 81-153. México: Caballito.
- Orozco y Berra, Manuel. 1864. *Geografía de las lenguas y Carta etnográfica de México*. México: Imprenta de J. M. Andrade y F. Escalante.
- Robelo, Cecilio. 1904. *Diccionario de arcaísmos*. México: Ediciones Fuente Cultural.
- Romero, Germán, ed. 1980. *Epistolario de Miguel Antonio Caro, Rufino José Cuervo y otros colombianos con Joaquín García Icazbalceta*. (= Archivo epistolar colombiano, 14) Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo.
- Sanchez, Jesús. 1883. "Glosario de voces castellanas derivadas del idioma Nahuatl". *Andes del Museo Nacional* 3.57-67.
- Sanamaria, J. Francisco. 1942. *Diccionario General de Americanismos*. México: Pedro Robredo.
- Sanamaria, J. Francisco. 1954. *Novísimo Icazbalceta o Diccionario completo de mejicanismos*. México: Ed. Cultura.
- Sanamaria, J. Francisco. 1959. *Diccionario de Meicanismos*. México: Portia.
- Villoro, Luis. 2005 [1950]. *Los grandes momentos del indigenismo en México*. México: El Colegio de México, El Colegio Nacional & FCE.

Sónia Coelho, Susana Fontes
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

A Grammatica analytica da lingua portugueza (1831) de Francisco Solano Constâncio

Francisco Solano Constâncio's *Grammatica analytica da lingua portugueza* had two editions, the first one in 1831, followed by another in 1855. He also published an abridged version of this grammar, entitled "Resumo da grammatica portugueza", that was included in the *Novo Dicionário critico e etymologico, da lingua portugueza*, which had more than ten editions. This paper aims to recall this grammar and the author by making an incursion through its parts and providing the author's most important linguistic ideas taking into account the grammatical context of the time.

Keywords: *Grammatica analytica da lingua portugueza*, Francisco Solano Constâncio, Linguistic Historiography

1. Introdução

Numa época em que, na Europa, a linguística atravessava mudanças metodológicas, com a afirmação da linguística histórico-comparativa, surge a *Grammatica analytica da lingua portugueza* (1831) de Francisco Solano Constâncio (ca 1772-1846), obra em que já se faz sentir o interesse pela evolução e comparação entre as línguas, embora ainda seja marcada pela influência da *Grammaire Générale*.

Tendo o seu autor vivido a maior parte do tempo fora de Portugal, a *Grammatica analytica* parece não ter tido grande divulgação na época. Do mesmo modo, na atualidade, poucos são os investigadores que se dedicam ao seu estudo. Neste sentido, com o presente artigo, pretendemos contribuir para um maior conhecimento e divulgação desta gramática, relembRANDO o seu autor e destacando as partes que a compõem, de modo a evidenciar as principais ideias linguísticas do gramático, tendo por base o contexto da época.

2. O autor e a sua obra¹

Filho de Manuel Constandio, um ilustre cirurgião e professor de anatomia, Francisco Solano Constandio terá nascido em Lisboa, por volta de 1772. Cedo saiu do seu país, tendo regressado já doutor em Medicina pela universidade de Edimburgo, por volta de 1800. Em 1808, abandona novamente Portugal, uma vez que, enquanto assumido defensor da causa francesa, temia uma perseguição. Após esta saída, terá estado em Paris, uma vez que aí publica, em 1815, o *Observador Lusitano em Paris, ou collecção litteraria, politica e commercial*, publicação que se insere no jornalismo da primeira emigração. Tendo também percorrido outros países da Europa e a América do Norte, fixou-se finalmente em Paris, onde casou com Maria Julia Basillie e faleceu a 21 de dezembro de 1846.

Para além da sua formação em medicina, são-lhe ainda reconhecidos méritos como filólogo, economista e tradutor. De entre as obras metalinguísticas da sua autoria, destacam-se as seguintes:

- *Grammaire portugaise, à l'usage des Français qui veulent apprendre le portugais* (1830);
- *Nova Grammatica da lingua franceza, offerecida aos portugueses e brasileiros* (1831);
- *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil* (1831 e 1855);
- *Novo Mestre inglez, ou grammatica da lingua inglesa, ensinada em 25 lições* (?);
- *Novo Dicionario critico e etymologico, da lingua portugueza, preedito de uma introdução gramatical* (1836).

De entre estas obras, o *Novo Dicionario critico e etymologico* mereceu vários comentários na época, dos quais nos dá conta Francisco Inocêncio da Silva (1810-1876), que, parafraseando um importante tradutor de Virgílio, lastima que

Constandio desse por antiquados multissimos termos vernaculos, que não mereciam tal desprezo (o que, diz elle, não admira; porque tendo vivido entre estrangeiros, fez o seu dicionario sobre os outros dictionarios, consultando pouco os mestres da lingua, depois de haver desaprendido muitas palavras e locuçoes usuaes) [...] (Silva 1859: 65-66).

Na comparação que estabelece entre este dicionário e o de António de Moraes Silva (1755-1824), o mesmo tradutor acaba por lhe reconhecer o mérito de apresentar definições com bastante rigor, sendo o mais indicado para as questões etimológicas. Na verdade, na opinião de Verdelho (2007: 33), o dicionário de Constandio "[...] marca, neste ponto, e de um modo geral no respeitante à formação das palavras, uma apreciada inovação na história da lexicografia portuguesa."

3. A *Grammatica analytica da lingua portugueza*

A *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil* surge pela primeira vez em 1831, publicada em Paris e no Rio de Janeiro, voltando a ser reeditada, numa segunda edição, em Paris, em 1855. Esta gramática foi também editada numa versão resumida, sob o título de "Resumo da

¹ Para informações detalhadas acerca do autor, veja-se Silbert (1950).

grammatica portugueza", anteposta ao *Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza*², dado pela primeira vez à estampa em 1836, que contou com mais de dez edições. Ao que parece, apesar destas edições, esta gramática, escrita num período em que o autor se encontrava no estrangeiro, terá sido pouco divulgada em Portugal.

Esta obra insere-se dentro das chamadas gramáticas filosóficas, cujo expoente máximo em Portugal foi a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822), de Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816), no entanto estão também nela reunidas outras correntes:

A obra de Constandio reúne, pelo menos, três correntes diferentes: a gramática geral de teor sensualista na tradição de Condillac, a teoria etimológica de Horne Tooke e a linguística histórico-comparativa nascente, representada pelos irmãos Schlegel e, no domínio das línguas românicas, de Raynouard (Schäfer-Priest 2002: 172).

Relativamente à estrutura interna da obra, ela surge dividida em cinco partes, como se pode ver na tabela que se segue.

Conteúdos	Páginas
[Índice]	[1]
Proêmio	1-4
Parte Primeira: Das Leiras ou caracteres vocais	1-19
Parte Segunda: Das partes da oração	19-176
Parte Terceira: Das Particulas da oração	176-203
Parte Quarta: Da Syntaxe	203-247
Parte Quinta: Da Prosodia	247-308
Da orthographia	
Index	309-312

Constandio abre o proêmio com a definição de gramática, que seguidamente se transcreve:

Posto que o termo *grammatica*, no seu sentido stricto, conforme à palavra grega de que deriva e ao seu radical (*gramma*), se refira à lingua escripta, todavia, como esta he a imagem da lingua oral, dá-se o nome de *Grammatica* à collecção de preceitos para fallar, escrever e ler huma lingua correctamente, isto he, conformando-se ao que o uso dos doutos tem estabelecido (Constandio 1831: 1).

Esta definição, para além de fazer referência à etimologia do termo, evidencia uma conceção normativa, uma vez que encara a gramática como um conjunto de regras para falar e escrever corretamente a língua, adotando como modelo o uso das pessoas letradas, à semelhança do que fazem, por exemplo, Fonseca (cf. 1799: 1) e Silva (cf. 1806: 9).

² Trata-se de um volume in 4º grande, com perto de mil páginas, que, na realidade, excede um pouco a expectativa de um dicionário prático, quer pela sua configuração, quer pelas características da sua composição e pelos elementos de informação linguística que valoriza, especialmente a abundante acumulação sinónima ("com reflexões criticas"), que preenche as glosas, e sobretudo a análise etimológica (Verdelho 2007: 32-33).

Com a ideia de que a língua é a expressão do pensamento, e este o resultado da percepção sensual, Constantino adota a teoria linguística sensualista, representada sobretudo por Condillac e os «Idéologues» franceses, e permanece assim na tradição da *Grammaire générale* (Schäfer-Pries 2002: 167).

Por isso, a pezar da imensa diversidade de linguas que são ou fôrão falladas no globo, nota-se entre as mais d'ellas grande conformidade de structura, ainda quando os seus radicæes são inteiramente differentes. Em todas se encontrão os mesmos elementos essenciaes, e a differença em geral consiste na maneira de dispor e collocar estes elementos (Constâncio 1831: 2).

O facto de reconhecer a existencia de familias linguisticas leva-o a distinguir entre linguas *primitivas* e *derivadas*: "Se bem que ignoremos a historia da formação das linguas *primitivas* daquellas cuja origem ignoramos, e de que sabemos derivarem muitas outras" (Constância 1831: 2). No caso concreto da lingua portuguesa, Constância fá-la derivar do latim, mas não, como era vulgar, do latim clássico:

Assim, tendo em consideração a própria evolução da língua latina, para o gramático, os estudiosos da língua não se devem socorrer apenas do latim clássico nas suas análises, mas também da evolução do mesmo, a *língua latina rústica*, e de outras línguas com as quais o português se aparenta. “Constância tem o mérito de apresentar línguas com a primeira vez em português, os novos conhecimentos, ainda válidos provavelmente pela primeira vez em português, os novos conhecimentos, ainda válidos”

Na *Parte Primeira*, intitulada de "Das Letras ou caracteres vocaes", o autor começa por identificar as letras que representam os sons da língua portuguesa, referindo que são as mesmas que encontramos em latim, "à excepção do *k* e *γ*, que são gregos, e do *ç*, que não existe em latim" (Constâncio 1831: 1). De seguida, elenca as letras portuguesas, para as quais dá informações acerca da figura, do nome e do som que lhes corresponde, dividindo-as em *sons vogaes*, *sons consoantes*, *diphthongos simples*, *diphthongos nssaes* e *triphthongos*. Em cada um destes aspectos, o autor fornece informações acerca da grafia e da fona, apresentando uma classificação articulatória dos sons.

Do que se procede se vê que temos letras diversas para exprimir hum mesmo som, e que nos faltão caracteres para outros sons simples, além da necessidade de signaes orthographicos para marcar o diverso valor das vogaes. Para o som *k* temos o *c* antes de *a, o, u*, o *q, x* *qu* (Constâncio 1831: 12).

Posto que os grammaticos portuguezes, e entre elles o senhor Jeronymo Soares Barboza, na sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, publicada por ordem da Academia das Sciencias em 1822, digão que em todos os diphthongos portuguezes a voz prepositiva ou antecedente he sempre a longa e dominante, e a subjunctiva a breve, he facil mostrar ser isto hum engano palpavel, visto que em *ruim*, e em *igual*, *qual*, *guarda*, *agua* ou *agora*, *egoa* ou *egua*, *quanto*, a segunda syllaba d'estes diphthongos predomina sobre a antecedente que he breve e até brevissima (Constâncio 1831:15).

O gramático inicia o tratamento das partes da oração pelo *substantivo*, *sujeito* ou *agente*, três designações possíveis, que evidenciam a sua preocupação em classificar esta parte tendo em conta também um critério sintático, como o próprio explica: “A

primeira d'estas denominações he derivada da sua natureza: as outras duas são tiradas das suas funções na oração" (Constâncio 1831: 24).

Relativamente à divisão do nome, o autor divide-o em dois grandes grupos: os substantivos *proprios* ou *individuaes* e os *communis* ou *appellativos*, especificando, nestes últimos, categorias como *collectivos*, *augmentativos*, *diminutivos*. Para além destes aspectos, o gramático trata ainda a flexão dos nomes em número e em género, sendo que, no caso deste último, não admite o género neutro para o português, criticando os autores que o consideram, à semelhança do que acontece na língua latina:

A pezar da asserção de muitos dos nossos grammaticos imbuídos das noções derivadas do estudo do latim, sendo hum dos mais recentes o senhor J. S. Barboza, não existe em portuguez desinencia que não seja masculina, feminina ou commun de dois; e não ha em portuguez, nem em dialecto algum do latim, terminação neutra correspondente ás latinas, em *ud, um, al*, etc (Constâncio 1831: 38).

A classe que se segue é a dos adjetivos, que o autor prefere designar de *designativos* ou *distinctivos*, por considerar a denominação de adjetivo *vaga* e *incorrecta*:

[...] vaga, porque ha outras partes da oração, como o adverbio, que ajuntão ao sentido do nome; incorrecta, porque os chamados adjetivos, muitas vezes, em vez de ajuntar huma ideia à que o nome exprime, antes abstrahem d'elle hum dos elementos constituintes do individuo. Por exemplo, quando dizemos o *sol fulgente*, a *branca neve*, nada ajuntamos aos termos *sol* e *neve*, antes abstrahimos do primeiro o *fulgor*, do segundo a *alvura* (Constâncio 1831: 43).

Para o gramático, os adjetivos podem ser qualificativos ou determinativos, incluindo nesta última subdivisão classes que tradicionalmente são autônomas, tais como o artigo, os pronomes e os numerais, seguindo a linha da *Grammaire Générale*, como é visível, por exemplo, em Du Marsais e Beauzée.

Chamo determinativos aos termos que individualisam os nomes collectivos e commun ou appellativos (os artigos), os que designam pessoa ou pessoas (pronomes), quantidade ou numero (numeraes). Nenhum delles exprime qualidade ou attributo applicavel ao sujeito (Constâncio 1831: 54).

No que diz respeito ao verbo, o gramático inicia o tratamento desta classe com a sua definição, entendendo que: "Verbo he o termo com que exprimimos acção, acto ou estado, relativamente a pessoa ou pessoas, ou a cousas personalisadas, e ao tempo, ao modo" (Constâncio 1831: 89).

Nesta definição, percebemos que o autor considera o verbo como uma classe que exprime uma acção ou estado, podendo variar em pessoa, modo e tempo. Não se encontram aqui plasmadas as ideias de afirmação, presentes na *Grammaire générale et raisonnée* de Port-Royal, nem as ideias de existência, presentes nos ideólogos, nomeadamente em Beauzée. Além disso, o autor critica os gramáticos que baseiam a sua teorização acerca do verbo na teoria do verbo único, o verbo substantivo *ser*, considerando que este satisfaz todas as necessidades de expressão do pensamento, e classificam todos os restantes como verbos adjetivos, pois, no seu entender, "[...] mui bem se pode exprimir o pensamento por meio de hum verbo, sem auxilio de nenhuma outra palavra, e por conseguinte sem oração composta de sujeito e attributo. Quando digo:

A Grammatica analytica da lingua portugueza (1831) de Francisco Solano Constâncio

fogei, correi, viver, morrer, dormir, não preciso de mais palavras para ser comprehendido" (Constâncio 1831: 89). Na verdade, o autor constata que algumas línguas, de que são exemplo o árabe e o hebraico, não necessitam de um verbo copulativo para unir o sujeito ao verbo:

Além do que, em muitas linguas, como no arabico e no hebraico, liga-se o substantivo ao attributo ou qualificativo sem verbo; v.g. em vez de dizer — Pedro he valente, a neve he branca, dizem *Pedro valente*, a *neve branca*. E de facto o verbo *ser* nestas frases nada ajunta às ideias expressadas pelos termos *Pedro valente*, *neve branca*. He incontestavel que *Pedro* e *neve* indicião como existentes a pessoa ou a cousa, sem auxilio de outra ideia alguma (Constâncio 1831: 90).

Ademais, Solano Constâncio critica ainda os autores que nas suas definições de verbo não contemplam o facto de esta classe flectir em número, pessoa, tempo e modo, como acontece nas definições apresentadas por António de Morais Silva e Pedro José de Figueiredo³ (1762–1826).

A terceira parte da *Grammatica Analytica* é dedicada às partículas da oração, "certos termos que de ordinario tem poucas syllabas, e são, pela maior parte, contrações de verbos e até de phrases, e que modificão de diversas maneiras as diferentes partes da oração" (Constâncio 1831: 176).

Relativamente às partículas, o gramático considera que a visão recorrente de considerar que estas "[...] não tem significação propria de per si" (Constâncio 1831: 176) é incorrecta, pois, na sua perspectiva, "[...] nada he mais errado e absurdo que attribuir a vocabulos a faculdade de conferir às outras partes do discurso propriedades que elles não encerrão em si mesmos" (Constâncio 1831: 176).

Entre as partículas, o gramático integra a preposição, a conjunção e o advérbio, tal como já acontece em Sánchez de las Brozas.

Na definição de preposição, o nosso gramático recorre ao critério sintático, uma vez que estas palavras servem para estabelecer uma relação entre o vocabulo preposicionado e o seu antecedente. Recorre, também, a um critério semântico, quando faz referência às diferentes relações expressadas por estas partículas:

As preposições ou particulas prepositivas são assim denominadas porque na oração precedem os vocabulos cuja relação estabelecem com os antecedentes, achando-se na construcção regular entre os dois membros. As relações expressadas por estas particulas prepositivas e intermediarias são as do estado, existencia, situação, acção e movimento dos objectos, no espaço e no tempo (Constâncio 1831: 178).

Note-se que, nesta definição, não está presente a noção de complemento⁴, que já havia sido introduzida quando Soares Barbosa define esta classe em *As duas linguas*: "A

³ A edição da *Arte da Grammatica Portuguesa* consultada por Solano Constâncio terá sido, certamente, a de 1827, uma vez que, nas anteriores, Figueiredo, para além de incluir na sua definição os conceitos de acção e afirmação, também inclui o conceito de flexão, usando um critério formal (cf. Duarte 2013: 79), como segundamente se pode comprovar: "Verbo he a voz, com que na Oração significamos acção, affirmando uma cousa de outra, não se declina por casos, como o Nome, mas conjuga se por Modos, Tempos, e Pessoas" (Figueiredo 1804: 23).

⁴ A substituição do conceito de regência pela do complemento remonta à *Logique* de Port-Royal, mas não se manifesta nos autores influentes da *Grammaire Générale* (Schäfer-Prieth, no prelo: 177).

Preposição he humma das partes Coniunctivas da Oração, que posta entre duas palavras, indica a relação de complemento, em que a segunda está para a antecedente" (Barbosa 1807: 121).

A segunda das partículas abordada por Constandio é a conjunção, que é definida tendo por base um critério sintático, pois ela exerce uma função de ligação entre elementos da frase, um critério semântico, pois pode exprimir, por exemplo, semelhança, oposição ou modificação, e um critério formal, uma vez que o gramático foca o processo de formação destes vocábulos.⁵

A *conjunção* he humma parte da oração que serve de nexo aos membros da phrase, indicando correlação entre elles, ora de semelhança, ora de opposição, ora de modificação. São termos todos formados de radicais substantivos ou de verbos, mas nas conjunções as mais contraccas, de tal maneira estão alterados os elementos radicais, que a maior parte dos grammaticos as tem tomado como particulas simples e primitivas (Constandio 1831: 194-195).

Constandio termina o estudo das partículas com a análise do advérbio, que define tendo em conta os critérios sintático, semântico e formal, uma vez que se debruça sobre a posição que estas palavras podem ocupar, sobre a sua função modificadora e o seu processo de formação:

Definem geralmente os grammaticos o advetbio humma palavra adjuncta ao verbo ou ao nome (ambos em latino denominados *verbum*) que modifica o seu sentido; e com effeito he humm additamento ao sentido da voz a que se ajunta. Os advetbios são locuções mais ou menos compostas e mais ou menos contraccas formadas de adjetivos ou substantivos, sós ou combinados entre si ou com humma preposição, e até com humm verbo, sendo os elementos de que são compostos ora expressos, ora subentendidos por elipse (Constandio 1831: 198).

Note-se que, contrariamente ao que é habitual, Constandio apoia-se, para a definição desta classe, na tradição gramatical, não assumindo a postura que lhe é muito comum de criticar os gramáticos seus antecessores.

No que respeita à função modificadora do advérbio, é de destacar o facto de o gramático apenas considerar a possibilidade de este modificar o verbo ou o nome, na linha do que fora proposto por João Joaquim Casimiro (177-187)⁶, e de não adotar a concepção de que esta classe possa modificar outras palavras, proposta que já remonta a Sanchez de las Brozas⁷.

⁵ A pezar de screm as mais dellas monosyllabos, he facil apontar os radicaes de que são contraccões. E, de *et* latino, deriva *et*, de *et*, ou de *et*ra *postea*, *deinde*, depois. *Nem*, vem de *nemo*, ninguém. *Porém*, de *proinde* latino, e de *por ende* (por isso), locução portuguesa antiga. *Que*, he o adjectivo articular usado com elipse de verbo. *Pois*, vem de *post* e *posse* que derivão de *possum*. *Se*, he humma modificação do verbo *ser* (*esse*). *Mas*, vem de *magis* latino, e denota com effeito addição adversativa. E he de notar que os mais d' estes radicaes são eles mesmos compostos.

He portanto evidente que as particulas conjunctivas, como todas as outras, são formadas de nomes ou verbos, e que as mais contraccas não differem essencialmente d' aquellas cuja composição complexa he aparente (Constandio 1831: 195).

⁶ "Adverbio he humma voz, que não tem completa significação, porém unida ao nome, ou ao verbo lhe augmenta a significação, como *Fallo pouco*" (Casimiro 1792: 59)

⁷ Esta proposta de Sanchez foi pouco tomada em consideração, como se comprova pelo facto de gramáticos co-

A *Grammatica analytica da lingua portugueza* (1831) de Francisco Solano Constandio

A parte quarta da gramática dedica-se ao estudo da sintaxe, definida pelo autor como "[...] humma voz composta grega que significa *coordenação*, e com effeito esta parte da grammatica ensina as regras da composição das sentenças ou orações, segundo a recta correspondencia das palavras de que ellas consistão, com os pensamentos que pretendemos exprimir" (Constandio 1831: 203).

Nesta definição, o gramático apresenta os termos sintaxe e coordenação como sinónimos, seguindo a linha de Soares Barbosa⁸, e recorre aos princípios da gramática geral ao considerar a lingua como a expressão natural dos pensamentos. Se a morfologia assenta na palavra, a sintaxe assenta numa unidade superior a esta, a *oração*, *proposição* ou *phrase*⁹, permitindo formar um juízo. Para tal, recorre-se a termos que possam exprimir as ideias e a outros que estabeleçam relações entre essas mesmas ideias, formando, assim, dois tipos de proposições:

Ha duas sortes de proposições; na primeira um agente ou nominativo he ligado com o seu attributo pelos verbos de existencia ou situação *ser* ou *estar*; na segunda, hum agente ou nominativo, expresso ou subentendido, com ou sem attributo (simples ou complexo), he ligado por um verbo ao seu regime directo ou indirecto, que fôrma o complemento do sentido da oração (Constandio 1831: 204).

Ao longo desta obra, Solano Constandio faz inúmeras referências a Soares Barbosa, frequentemente para o criticar. No entanto, nesta quarta parte, fica evidente que Constandio foi influenciado pelas ideias do seu antecessor, como se comprova inclusive pela estrutura que adota neste capítulo, não sendo, todavia, tão específico (cf. Barbosa 1822: 457-458 e Constandio 1831: 311-312).

Na última parte da sua gramática, Constandio trata de duas questões principais, a prosódia e a ortografia, que habitualmente são tratadas em partes distintas.

Começa por definir prosódia, que entende como "a maior ou menor força de voz com que se pronuncia as vogaes, e o tempo maior ou menor que se gasta em as pronunciar [...]". (Constandio 1831: 247). A partir desta definição, verifica-se que o autor contempla, no estudo da prosódia, dois elementos, a quantidade das sílabas, que podem ser longas ou breves, e o *accento vogal*, onde trata a intensidade das sílabas, apresentando uma lista de regras que servem de auxilio para a pronunciação e grafia das palavras, identificando a sílaba tónica (*predominante*).

mo Casimiro, Figueredo ou Constandio não a terem adotado e inclusive pelas criticas que Beauré (1767, l: 548-549) lhe dirige:

[...] j'observez que l'étymologie du nom *Adverbe*, telle que la donne Sanctius, n'est bonne qu'autant que le mot latin *verbum* sera pris dans son sens propre pour signifier *mot*, & non pas *verbe*, parce que l'adverbe supplée aussi souvent à la signification des Adjectifs, & même à celle d'autres Adverbes, qu'à celle des verbes. *Adverbium*, dit ce grammairien, *videtur dici quasi ad verbum, quia verbis velut adjectivum adheret*. La *Grammaire générale* & tous ceux qui l'ont adopté, ont souscrit à la même erreur.

⁸ "Syntaxe quer dizer *Coordenação* [...]" (Barbosa 1822: 362).

⁹ "A *oração*, *proposição* ou *phrase*, he qualquer juízo do entendimento expressado por palavras. Forma um sentido completo, e pode constar, além da phrase principal, de outras mais ou menos ligadas com, ou dependentes d'ella" (Constandio 1831: 204).

Contempla ainda, nesta parte dedicada à prosódia, um tópico em que aborda os vícios de *pronúncia mais notáveis*¹⁰, que o autor considera deverem-se à falta de cultura e de infraestruturas próprias que poderiam ser usadas para colmatar estes problemas, evidenciando aqui uma necessidade de dedicação às questões da língua e refletindo uma preocupação social:

Bastantes vícios introduz todos os dias a afecção de huns, a ignorância de outros; muito contribue para os fazer grassar a falta de corpos litterarios, e de escriptos criticos, e mais que tudo, a falta de hum theatro e tribuna nacional, e a de escholhas de declamação. A isto accresce o não termos ainda hum bom dicionario etymologico e de pronuncia (Constâncio 1831: 257-258).

Nesta quinta parte, o autor trata ainda de questões relativas à ortografia da língua portuguesa, dissertando acerca dos vários sistemas ortográficos vigentes e posicionando-se, desde logo, contra uma ortografia baseada unicamente no critério fonético. Na sua opinião, quem o faz, toma "[...] por guia o cego, arbitrário e variável uso, desprezando a razão" (Constâncio 1831: 261), uma vez que este sistema só se poderia aplicar às línguas primitivas:

Este systema seria o unico acertado em huma lingua primitiva, á qual se quizesse adaptar hum alphabeto ou serie de letras figurativas dos sons da linguagem fallada; mas em dialectos derivados não só de hum, mas de varios idiomas, hum tal systema he absurdo e disparatado [...] (Constâncio 1831: 261).

A sua proposta assenta, então, na primazia da etimologia¹¹, pois considera que os vocábulos devem manter as características que têm na língua mãe, por isso defende, por exemplo, a manutenção dos dígrafos gregos e das consoantes dobradas, de modo a facilitar o acesso ao radical primitivo. No entanto, alerta que o português não deriva diretamente do latim clássico, mas do latim vulgar, por ele designado de *língua romana rústica*, como muitos gramáticos e lexicógrafos erradamente consideram, sendo esta a causa da diversidade de propostas existentes: "Recorrer à língua dos escriptores classicos latinos em prosa ou verso, para fixar a derivação de palavras portuguezas de origem adulterada, he erro grave" (Constâncio 1831: 261).

Embora o gramático considere o sistema etimológico como preferencial, não deixa de aceitar o papel que o uso pode ter na ortografia, fruto da própria evolução das línguas.

4. Conclusão

O estudo de alguns aspetos fulcrais das partes que compõem a *Grammatica analytica da lingua portugueza* de Francisco Solano Constâncio permite-nos concluir que esta obra se enquadra dentro dos principais movimentos que grassavam na época. Não nos podemos esquecer de que o seu autor viveu parte da sua vida em Paris, onde teve

A *Grammatica analytica da lingua portugueza* (1831) de Francisco Solano Constâncio

acesso a "[...] recursos inculcaveis, desconhecidos em Portugal e no Brasil [...]" (Silva 1859: 66). Por essa razão, a sua obra, ainda que se movimente dentro da *Grammaire Générale*, evidencia já tendências inovadoras introduzidas pela linguística histórico-comparativa, que em Portugal só viria a ser introduzida em 1868, com a obra *A Língua Portuguesa* de Francisco Adolfo Coelho.

Na verdade, Solano Constâncio revela-se um bom conhecedor da lexicografia do seu tempo, facto que lhe permite estabelecer, ao longo da gramática, inúmeras comparações com outras línguas, reconhecendo-se aqui a influência da teoria etimológica do inglês John Horne Tooke (1736–1812).

Referências bibliográficas:

- Barbosa, Jerônimo Soares. 1822. *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa. Na Typographia da Academia das Sciencias.
- Barbosa, Jerônimo Soares. 1807. *As duas Línguas ou Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa, comparada com a Latina, Para Ambos se aprenderem ao mesmo tempo*. Coimbra. Na Real Imprensa da Universidade.
- Beauzée, Nicolas. 1767. *Grammaire Générale, ou Exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues*. Paris: De l'imprimerie de J. Barbou.
- Calero Vaquera, María Luisa. 1986. *Historia de la Gramática Española (1847-1920) de A. Bello a R. Lenz*. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos.
- Casimiro, João Joaquim. 1792. *Método Grammatical resumido da Língua Portuguesa*. Porto: Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
- Coelho, Francisco Adolfo. 1868. *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntax*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Constâncio, Francisco Solano. 1831. *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris: Em Casa de J. P. Aillaud, Rio de Janeiro: Em Casa de Souza, Laemmert e C'.
- Constâncio, Francisco Solano. 1836. "Resumo da grammatica portugueza". *Novo Dictionario critico e etymologico, da lingua portugueza*. Paris: Castinier. IX-LII.
- Duarte, Sônia. 2013. "As edições da Arte da Grammatica Portuguesa de Pedro José de Figueiredo". *Revista de Letras* 11 (série II): 67-104.
- Feijó, João de Moraes Madureira. 1734. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafões*. Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Rodrigues.
- Figueiredo, Pedro José de. 1804. *Arte da Grammatica Portuguesa*. Lisboa: Na Impressão Regia.
- Figueiredo, Pedro José de. 1827. *Arte da Grammatica Portuguesa*. Lisboa: Na Impressão Regia.
- Fonseca, Pedro José de. 1799. *Rudimentos da Grammatica Portuguesa. Cômodos á instrução da Mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons Autores*. Lisboa: Na Off. de Simão Thiadéo Ferreira.
- Sánchez de las Brozas, Francisco. 1587. *Minerva seu de causis linguae latinae*. Salamanca: Apud Ioannem, & Andream Renaut, fratres.
- Schäfer-Fréd, Barbara. 2002. "Entre a gramática filosófica e a linguística histórico-comparativa: Francisco Solano Constâncio e a sua Grammatica analytica da lingua portugueza de 1831". *Estudos*

- de *história da gramática portuguesa e lexicografia portuguesas*, Hsg. von Rolf Kermmler, Axel Schönbberger & Barbara Schäfer-Prieß, 159-175. Frankfurt am Main: Donus Editoria Europaea.
- Schäfer-Prieß, Barbara. 2000. *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. (= Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie, 300). Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Schäfer-Prieß, Barbara. no prelo. *A Gramaticografia Portuguesa de 1540 até 1822: Condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*. Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora.
- Silbert, A[ilbert]. 1950. "Auteur de Francisco Solano Constâncio". *Bulletin des Etudes Portugaises* 14, 132-196.
- Silva, Inocêncio Francisco da. 1859. *Dicionário Bibliographico Portuguez*. Volume III. Lisboa: Na Imprensa Nacional.
- Sousa, Manuel Dias de. 1804. *Grammatica portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres grammaticos conhecidos, assim nacionaes como estrangeiros*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade.
- Verdelho, Telmo. 2007. "Dicionários portugueses, breve história". *Dicionarística Portuguesa. Invenção e estudo do património lexicográfico*, ed. por Telmo Verdelho e Silvestre, João Paulo, (= teoria poesis praxis) 13-62. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Williams, Edwin. 1991. *Do Latin ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Sónia Duarte

Centro de Linguística da Universidade do Porto

"Memórias e Louvores da Língua Portuguesa" (1793) Contributos da dicionarística académica portuguesa acerca da perceção peninsular recíproca*

In 1793, the Portuguese Academy publishes a dictionary strongly associated to main linguistic concerns of the time, namely the concern for linguistic purity and the praise of national languages. Indeed, such concerns are explicitly mentioned in the selected text, which provides a sort of brief account of the Portuguese apologetic tradition with contrastive remarks on other languages. This paper aims to study those same remarks, focusing on the peninsular approach – specifically on the view of Spanish writers on the Portuguese language and on the one of Portuguese writers on the Spanish language –, and adopting as theoretical framework what Buescu (1983) described as "the language issue in Portugal".

Keywords: 18th century; Portuguese-Spanish; Portuguese academic lexicography; language attitudes

1. Enquadramento bibliográfico

No contexto do movimento europeu das Academias, cujo impacto em Portugal se dá no século XVIII, é fundada, em 24 de dezembro de 1779, a Academia das Ciências de Lisboa (ACL). No âmbito da sua atividade – estudada em profundidade por Rômulo de Carvalho (1971) – e no quadro do que, como adverte José de Pina Martins (1993 [1793]: XXXI), era comum à atividade académica no resto da Europa, a instituição definiu para si mesma determinados propósitos linguísticos, entre os quais estavam a redação de uma gramática e de um dicionário.

Como se sabe, tanto a gramática (*Gramática Filosófica* de Jerônimo Soares Barbosa, Lisboa 1822) como o dicionário sofreram constrangimentos de publicação: a gramática já não foi publicada em vida do seu autor e o projeto lexicográfico académico

* O presente trabalho foi realizado no âmbito das atividades de doutoramento financiadas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/74989/2010) e subordinadas ao projeto de tese "La lengua y la gramatografía española desde la historiografía gramatical portuguesa (1623-1848)", inscrito no *Departamento de Filología Hispánica y Clásica da Universidad de León* e realizado sob orientação de Maria Dolores Martínez Gavilán.